

DOCTRINAÇÃO

Edições COMUNHÃO

“Aqueles que se desenvolveram mentalmente, atingindo a esfera das criações sugestivas, assumem o papel de orientadores, adquirindo responsabilidades mais vastas pela facilidade com que articulam programas de rumo para os outros.”

EMMANUEL

« »

“Os actos são juízes de todos nós.

*“Ninguém que transite pelo mundo em carácter de excepção...
Todos possuímos débitos em relação à Vida.*

“A tarefa mediúnica com Jesus, de esclarecimento aos Espíritos infelizes, é dos mais enobrecedores cometimentos com que a Doutrina Espírita ora nos honra o processo evolutivo.

“Após o diálogo abençoado em que o desencarnado em sofrimento, expressa pela psicofonia a sua angústia e recebe a palavra amiga do evangelizador, eis que amanhece a esperança na noite tormentosa em que se debate, conciliando-o ao serviço da própria redenção...”

JOANNA DE ÂNGELIS

« »

“Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima : fora da caridade não há salvação”.

ALLAN KARDEC

« »

INTRÓITO

Por princípio, não gostamos de usar o termo “doutrinação” ou “doutrinador”, considerando a necessidade de que todos, ainda reencarnados, necessitamos, igualmente, de sermos esclarecidos. Entretanto, a palavra “esclarecedor” parece não ter ou não nos dar o mesmo significado da primeira, e todos nós, mais ou menos, caímos no erro de sermos ‘doutrinadores’ mas necessitados de doutrinação! Aliás, temos para nós que não se pode sê-lo sem um mínimo de conhecimentos da Doutrina Espírita.

Roque Jacintho, escritor espírita brasileiro desencarnado em 2005, num livro sobre o mesmo tema, afirma:

“Doutrinar, na sinonímia Espírita Cristã, é transmitir pacientemente informações curtas e exactas sobre as razões da vida, os motivos das encarnações, o destino de todos os homens, a estação de harmonia que aguarda a passagem de nossa vontade, os trabalhos que nos competem realizar, os esforços indispensáveis para a reformulação interior.

“Doutrinar é ensinar o Cristianismo-Redivivo.

“E, para ensinar uma doutrina é preciso, antes, conhece-la, a fim de ofertarmos aos irmãos perturbados e perplexos as noções práticas de que eles precisam para recuperar-se de suas deficiências e batalhar para conquistar o direito a um lugar melhor.

“A transmissão do ensino, porém, deve ser ajustada ao amadurecimento do senso moral dos interlocutores. Estamos, diante deles, qual se estivéssemos frente a alunos do curso primário, para os quais as noções transmitidas devem ser reais, mas devem, também, ser adequadas ao seu grau de compreensão e raciocínio.

“O mestre-escola não ironiza o aluno. Não ironizemos, também o comunicante.

“O mestre-escola faz-se repleto de paciência. Sustentaremos, igualmente, a paciência.

“O mestre-escola não dá aulas acima da idade mental dos alunos. Sem falar à Verdade, do mesmo modo não transmitiremos as nuances e os coloridos, os complexos e o contexto de nossa Doutrina nos encontros educativos que sustentarmos com nossos irmãos que mal ingressaram no jardim da infância espiritual”.

Então, antes de nos aventurarmos a tal, e pese, embora, o incentivo dos companheiros (e a sua irresponsabilidade, talvez), convém que nos preparemos primeiro, estudando a Codificação e, se possível, as obras complementares.

Depois então, e só depois, estaremos mais ou menos capacitados para assumirmos tal tarefa. E dizemos **mais ou menos** porquanto o saber não ocupa lugar e aquilo que hoje poderá ser banal durante uma reunião, poderá exigir, amanhã, um conhecimento maior.

O apontamento que vamos tentar passar resulta de muitos anos de experiência, não só no campo da desobsessão como no do socorro a entidades sofredoras (mas não querendo ensinar ninguém nem sermos “mais papistas que o Papa”), procurando levar a quem nos queira ler, um bocadinho mais de facilidades neste campo imenso e diferente de conversarmos com quem não conhecemos sendo, cada um, aquela outra ponte que se estende para cada entidade que chegue até nós, ajudando-as a adquirirem um pouco de equilíbrio, depois da ‘passagem’ que já fizeram.

Tendo em conta que, um dia – ninguém sabe quando – talvez passemos pelo mesmo, aproveitemos, ainda, da nossa própria tarefa e do que escutamos a uns e a outros, como uma lição que registaremos em nós próprios, e que nos ajudará ao despertar sem um desequilíbrio maior.

Que o Senhor nos abençoe.

M. V.

NUM ÀPARTE...

Ainda em Pedro Leopoldo, Chico Xavier preparou-se para fazer o Evangelho. A acompanhá-lo apenas um amigo que pouca ou nenhuma experiência tinha de reuniões, fossem elas doutrinárias ou mediúnicas.

Vivendo por antecipação o momento que se iria seguir, Chico observou a presença de uma entidade necessitada de auxílio, e recomendou para o companheiro:

- Quando eu fizer sinal, “dá-lhe” com o Evangelho.

O amigo acenou com a cabeça e Chico iniciou a leitura da Boa Nova, predispondo-se, depois, ao atendimento mediúnico, com a incorporação da Entidade que observara por antecipação.

Lembrando a recomendação atrasada, fez sinal ao companheiro, muito em dúvida sobre o que deveria fazer.

A entidade começa a querer manifestar-se, ele continua em silêncio, e o Chico, ainda pouco envolvido diz-lhe de novo:

- Chega-lhe com o Evangelho!

Palavras não eram ditas e o assistente do médium pega no livro pousado sobre a mesa e obedece à recomendação escutada por duas vezes: começa com ele a espancar a cabeça do Chico, com tanta ou tão pouca violência que o deixou com um torcicolo que demorou vários dias a ser curado.

«»

Depois de recordarmos a atitude verídica vivida com o Chico, mais uma vez comprovativa de que as palavras devem ser usadas mediante o seu verdadeiro significado e não num sentido corrente, que poderá ser dúbio levando a interpretações que ficarão sempre distantes daquilo que se aguarda, iniciamos, agora, aquilo que intentaremos transmitir para os que se iniciam nesta tarefa de serem os socorristas de quem precisa de preencher o vazio das suas mãos...

*

Roque Jacintho, que já atrás referimos e de que transcrevemos algumas palavras, dá-nos várias indicações sobre o que devemos SER e FAZER, nesta tarefa que deve ter sempre por base o amor.

De todas elas destacamos, para já, as seguintes:

- Sermos fraternos;
- Sabermos ouvir;
- Inspirarmos confiança.

Nós outros, acrescentamos ainda:

- Sabermos falar;
- Sermos calmos, pacientes e tolerantes.

Então, vamos dividir estes nossos apontamentos nestas cinco alíneas, esperando nelas inserirmos alguma coisa do que há para dizer sobre o assunto.

Entretanto, para além destes itens, nós recomendaríamos um outro: falarmos sempre com estes nossos Irmãos tendo em conta que muitos deles não recordam o que é um Espírito, podem não saber o que é um Centro Espírita e poderão, quando encarnados, ter sido ateus, não crendo, portanto, em Deus.

Por outro lado, embora eles tenham sido trazidos até nós para que os ajudemos, não necessitam de ouvir nenhum discurso: muitas palavras para quem começa a tomar conhecimento com uma situação diferente, apenas os confundirão ainda mais. Sejamos, portanto, parcios de palavras, mas suficientemente lúcidos para as sabermos usar no momento oportuno.

E, ainda, uma outra observação: apesar de sofredores e necessitados de auxílio, tal situação não significa que não tenham inteligência: muitas das

vezes são, até, bastante mais inteligentes que qualquer um de nós, pelo que será importante termos sempre, e também, presente que “sofrimento não significa burrice”!

José Herculano Pires, espírita brasileiro, e denominado pelos espíritas do Brasil como o ‘Kardec brasileiro’, no seu livrinho “Obsessão, O Passe, a Doutrinação”, afirma:

(...) Nos hospitais a cura se processava através de espancamentos diários. Nas religiões, recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objectos sagrados (como crucifixos, relíquias, rosários e terços, ameaças e xingos (insultos), queima de incenso e outros ingredientes, pancadas e tortura. As formas de exorcismo mais conhecidas entre nós são a judaica e a católica, sendo a judaica mais racional (...)

Na questão da desobsessão, diz-nos também Herculano Pires que (...) “afastada a ideia terrorista do Diabo, o obsessor e o obsedado são tratados com amor e compreensão, como criaturas humanas e não como algoz satânico e vitima inocente. **A doutrinação espírita humanizou e cristianizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, influenciando nos novos rumos que a Medicina tomava nesse sentido.** (O destaque é nosso).

E o escritor continua: “Alguns espíritas actuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados à Terra e, portanto, à matéria. Dessa maneira, os Espíritos benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta este facto, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos espíritos desencarnados é uma necessidade”.

E, embora aqui, José Herculano Pires se refira taxativamente a ‘obsessores’ neste termo incluímos os Espíritos sofredores levados a sessões de socorro e esclarecimento, bem mais suaves que as de desobsessão de um Espírito perseguidor sobre outro, reencarnado ou não. Mas não concordamos com a manifestação de Espíritos doutrinadores

através dos médiuns : o esclarecimento deverá ser sempre feito sem a incorporação de nenhuma entidade esclarecedora embora, vez por outra, possa aproveitar-se a manifestação de um familiar desencarnado para mais depressa a entidade sentir que a informação que lhe estão a dar está correcta e ninguém tenta enganá-la.

E voltamos a Roque Jacintho, quando ele refere o trabalho com obsessores e com aqueles outros Espíritos sofredores, teimosa e orgulhosamente isolados nas suas ideias erradas.

“Espíritos há cristalizados no mal.

“Descrêem da bondade, porque já foram vitimados pelas artimanhas de poderosos, quer na Terra, quer na Espiritualidade onde se encontram.

“Dizem ‘Senhor! Senhor!’, sem se resignarem.

“Trazidos ao intercâmbio mediúnico, são hábeis artistas da palavra e esgrimistas da argumentação, revisando os ensinamentos religiosos da actualidade, quais se fossem mestres da matéria.

“Adoram exhibir-se e dominar.

“Sustentar com eles diálogos longos, abrir com eles empolgantes polémicas, será apenas alimentar-lhes a preferência de pseudo-sábios ou de intelectuais trancafiados na torre de marfim do orgulho e enregelados pelo egoísmo milenar.

“Deveremos afugentá-los, então? Não! A negação aqui é peremptória.

“Cabe-nos, frente a eles, refrear os impulsos da doutrinação e recorrermos ao Evangelho do Senhor, para ofertar-lhes o remédio de que necessitam, embora não peçam tal medicação e até a repudiem.

“Precisamos evangelizá-los.

“Estabeleçamos, porém, uma diferença fundamental que existe entre ‘doutrinar’ e ‘evangelizar’. Doutrinação é ilustração mental. Evangelização é um sol de amor, que fará a sua alvorada em nossa alma, derretendo a crosta em que se encasulam esses irmãos endurecidos.

“Este é um capítulo empolgante.

“Enquanto, na doutrinação, *ensinamos* como se faz, na evangelização *vivemos* o como deve ser feito. No primeiro, o ensinamento; no outro, a aula ao vivo.

“Os Espíritos que precisam ser doutrinados, em geral tomam um rumo diverso do nosso após o encontro mediúnicamente que com eles tivemos. Os que precisam de ser evangelizados seguem-nos, passo a passo, com autorização divina, para recolher em nossos comportamentos as sementes do Bem e do Amor, dia a dia.

“Por estas razões, temos de fazer-nos humildes e conter o nosso ímpeto de ‘derrotá-los’ verbalmente. Temos de calar a nossa ‘repulsa’ e orar por eles, em sua frente e quando estivermos a sós.(...)”

*

Para a prática da caridade – e atendimento **é** caridade - temos de saber, primeiro, o que a mesma significa e, logo aí, várias interrogações se nos colocam:

- Será que vejo esta palavra como um sentimento?
- Assim sendo, serei capaz de a sentir e/ou vivenciar por aqueles que me necessitem ou a quem, esporadicamente, poderei ser útil?
- Como me disponho a fazê-lo? (E já vimos, mais atrás, relatada por Herculano Pires, como ela era praticada com os reencarnados, em função dos necessitados desencarnados).

Compreendendo a CARIDADE como um sentimento concluiremos que ela terá, forçosamente, de estar baseada no amor. Considerando a ‘obrigatoriedade’ (mediante a Lei de Deus) de nos amarmos uns aos outros, concluiremos, então, que a caridade será sempre a manifestação do amor fraterno entre um e o outro lado da Vida.

E recordamos as palavras de Paulo de Tarso, na sua primeira epístola aos Coríntios: “*Se eu falar a língua dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine...*”; e

Hermínio Correia de Miranda, no seu livro “Diálogo com as Sombras”, referindo estas mesmas palavras, usa a palavra ‘AMOR’ em substituição de ‘caridade’ porquanto, na época de Paulo esta palavra não tinha ainda sido inventada, sendo só conhecida a primeira...

Sendo assim, como deverei amar, como poderei amar?

Diz-nos a Doutrina dos Espíritos em ‘O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO’, capítulo XI, nº 9, em mensagem de Fénelon, que “*o amor é de essência divina*”, pelo que cada um de nós tem incrustado em si, desde a sua criação, o sentimento do Amor – porque DEUS É AMOR -, devendo-nos ser fácil, portanto, a nossa manifestação de amor por todas as criaturas.

No entanto, a nossa **capacidade de amar** nem sempre é igual ao **dever de amar**; daí, sermos capazes de amarmos objectos estranhos e inanimados enquanto nutrimos pelos humanos, reencarnados ou desencarnados, um sentimento que, muitas vezes, se manifesta mais por indiferença, quando não por ódio.

Tais factos são, unicamente, consequência da imperfeição que ainda existe em nós: palmilhamos, há séculos, caminhos desconhecidos, procurando a felicidade que não encontramos, sem querermos perceber que ela não se encontra nos caminhos fáceis mas é, antes, o resultado de uma consciência tranquila, de um coração que já foi capaz de começar a vivenciar a PAZ, para si e para os outros. É essa mesma paz, ainda, que nos leva a alijar de nós, gradativamente, o fardo do **EGOISMO**, para nos preocuparmos mais com o nosso próximo sofredor.

Frequentando um Centro Espírita, ou um Grupo idóneo, com o estudo paulatino descobrimos a possibilidade de uma ajuda mais directa ao nosso irmão desencarnado e, sem nos apercebermos ou termos mediunidade de tarefa, com o conhecimento já adquirido do Evangelho (e do ‘Livro dos Espíritos’) podemos procurar, através do esclarecimento, apaziguar o sofrimento daqueles que chegam a uma reunião mediúnica em desequilíbrio.

É assim que, colocados perante a realidade de um sofrimento que é sempre consequência de um plantio errado, ou do desconhecimento da Vida que continua, ‘somos convidados’ a pôr-lhe fim, estendendo a nossa mão fraterna e abrindo o nosso coração a todos aqueles que são colocados no nosso caminho para que os ajudemos.

Fica, então, a dúvida:

- Podemos faze-lo?

- **Devemos** faze-lo.

Toda a tarefa caritativa e mediúnica de assistência espiritual tem o seu momento próprio, com toda a dedicação que se lhe possa doar, sendo sempre completada com a do esclarecimento que se lhe faz necessário. Dizendo que uma e outra andam a par temos, no entanto, de definir e complementar o comportamento da pessoa que faz o esclarecimento aos Espíritos que cheguem até si.

- Como recebe-los? Como esclarece-los?

- Como dar-lhes a segurança de que necessitam para sentirem que não estão em nenhum tribunal, nem perante nenhum juiz preparado para os julgar... e, muito menos, perdidos em qualquer lugar ignoto onde ninguém os encontrará?

Antes do mais, reconhecemos que é difícil ‘desempenhar-se’ – se assim se pode dizer – o cargo de doutrinador, mesmo porque nós próprios continuamos necessitados de ser doutrinados... e se não se estiver a procurar ajudar, pondo nas palavras o amor que as faça vibrar, ‘**o sino que tine**’ não é suficiente para apaziguar corações em revolta ou desespero, nem para levar a tranquilidade onde haja a insegurança ou o medo. É essencial, portanto, que o esclarecedor esteja capacitado para amar, manifesto no desejo de servir e de exercer a caridade : se o amor vivificar no seu coração, se o orgulho estiver longe das suas atitudes, se estiver capacitado, igualmente, da sua pequenez e imperfeição, com o auxílio divino, manifesto através dos Guias presentes que o intuem, a tarefa a desempenhar será positiva e salvadora.

Mas não conta, unicamente, o momento da reunião e da tarefa a desenvolver: no que se refere, principalmente, ao ‘doutrinador’, é muito importante a observância da sua conduta no dia a dia, a sua preocupação com a reforma íntima: ele deve procurar relacionar-se sempre bem com o seu próximo, seja ele quem for, e basear o seu agir na humildade e passividade (não subserviência, que é completamente diferente). Deve usar de fraternidade e tolerância para com uns e com outros... fugir da intriga e do boato, tendo sempre presente a necessidade de eliminar de si os sentimentos mais mesquinhos (menos sãos) que têm acompanhado o homem ao longo dos séculos : o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a inveja, o ciúme são “chagas” que prejudicam qualquer um e que, num ‘doutrinador’, podem perturbar toda uma tarefa de esclarecimento, se o tarefeiro deixar que ‘elas’ se manifestem enquanto se encontra falando para os irmãos que intenta ajudar. E não é preciso uma manifestação directa: basta que a entidade capte qualquer uma enquanto se fala com ela!

Para além destes sentimentos, infelizmente ainda tão comuns nos dias de hoje, é preciso que o esclarecedor não seja portador de vícios, seja o do tabaco, como o do álcool, ou qualquer outro.

É muito importante, igualmente, que ele se afinize com o médium ou médiuns que irá assistir (se assim se pode dizer); que mantenha com ele relações de sã amizade e confiança. Só assim o Espírito assistido sentirá, a rodeá-lo, a vibração fraterna, amorosa e equilibrada que necessita para poder, também ele, confiar em quem lhe dirige a palavra ou se afirma amigo... mas que não sabe quem seja!

Não é ‘doutrinador’ quem quer porque, para o ser, tem de se possuir um mínimo de conhecimentos evangélicos e da própria Doutrina em si. Não importa saber falar bem se as palavras não transmitirem a razão do que **“porque se sofre, de onde viemos, para onde vamos...”**

E são necessárias a paciência, a sensibilidade, a prudência, a humildade – mas, também, a vigilância e um pouco de energia, que se faz necessária para podermos chamar a atenção a um e a outro para a maneira agressiva como se nos dirigem enquanto estamos ali, numa manifestação de amor.

Há esclarecedores que pensam que, sendo os Espíritos sofredores, devem aceitar deles qualquer atitude, até o insulto (se a psicofonia for através de um médium despreparado e com um dirigente de reunião quase igual), e não pedem o respeito que qualquer um merece – o que está incorrecto. (Aliás, já está incorrecto deixar-se trabalhar um médium no despreparo aqui referido).

... E há ainda aqueles outros que, ouvindo da entidade que quando na Terra foi médica, engenheira, brazonada, passam de imediato a tratá-la com deferência, dando-lhe a senhoria e o título que possuíam quando reencarnados, numa atitude de subserviência totalmente errada: os títulos, sejam eles quais forem, eram da Terra enquanto ali viveu e na Terra ficaram! Não se acalentem situações de orgulho e vaidade, mas estimulemos a simplicidade, sendo simples no trato.

O esclarecedor deve estar preparado para tudo... até mesmo para os casos esporádicos de **licantropia** onde, aqui, a necessidade **não é** de evangelizar mas de fazer chegar à mente do desencarnado que é um ser pensante e não um irracional : ensiná-lo a retomar conhecimento com o «corpo» que é o seu e não o do animal que o induziram a pensar que era;

ensiná-lo a «reconhecer-se» e a recomeçar a falar, em troca dos uivos ou latidos com que se apresenta... NÃO HÁ DOCTRINAÇÃO: apenas ensinamento, mas um ensinamento onde vibre muito amor para que, lentamente, se ajude a transformação do manifestante e se lhe ensine a articular as primeiras palavras, que serão sempre **as mais simples**: “!Deus” ou “Jesus”, mediante as possibilidades que se lhe reconheçam. Palavras que serão lentamente repetidas, três, seis, ou mais vezes, até que eles sejam capazes de as proferir – e, depois de tal acontecer, faze-los sentir a alegria de terem conseguido falar!

André Luiz fala-nos destas entidades, também identificadas como *zoantrópicas*, no seu livro “Libertação”, psicografado pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier.

O esclarecedor, na sua tarefa ‘socorrista’, pode dizer-se que é um mensageiro da paz, levando a Luz a quem se debata nas trevas, a esperança onde exista o desespero... Ele tem de mostrar-se sempre seguro, sem procurar as palavras como se estivesse duvidoso do assunto que transmita, **sem obedecer** à entidade que o mande calar e sem **mostrar qualquer receio** daquela que o ameace de perseguição imediata ou futura; ser indiferente àquela outra que lhe afirme não gostar de si, não o querer ouvir ou estar farto de o escutar!... Ele **não é** o mestre que vai falar de cátedra para alunos desinteressados, mas o amigo, o irmão pronto a ouvir para o tentar ajudar a reencontrar-se, a redescobrir a vida e a confiança no ser humano e em si próprio : ele, o esclarecedor, vai dar à entidade uma Luz, ainda que ténue, da confiança em si e num Amanhã melhor!

E passemos, então, agora, a analisarmos melhor a orientação de Roque Jacintho.

«»

SER FRATERNOS

O que significa o termo ‘fraternidade’?

Cândido de Figueiredo afirma que significa “parentesco, união de convivência como entre irmãos, amor ao próximo, amizade, harmonia”.

E é tão importante ser fraterno que, quem não tiver predisposição para tal, não deve tentar esta tarefa onde – pensamos – a sinceridade que transmitirmos nas nossas palavras será sempre a porta maior a descerrar-se para qualquer um desses irmãos que intentamos ajudar.

Mas, fraternidade não significa ser-se dolicodoco : as nossas palavras devem transmitir segurança, confiança e conhecimento.

Se dissermos para uma entidade que ela vive no mundo dos espíritos, que não tem já corpo carnal, que tem a seu lado um Irmão amigo que o encaminhará, no Lado onde se encontra, e ela nos perguntar se temos a certeza e respondermos “bom, certeza não temos, mas deve ser assim”, já estragámos tudo!

Como é que ela vai sentir-se segura se não lhe dermos essa mesma segurança?!

Mas, cuidado! Se vamos dizer para uma entidade, logo no início do diálogo ou monólogo, que ela está ali porque o seu corpo já morreu, estamos a provocar-lhe um choque que, dificilmente, reverterá a situação para o auxílio que devemos ministrar.

Não sermos dolicodocos: não somos santos nem estamos a lidar com eles : devemos ser naturais, respeitadores (educados), e esperar respeito em troca; se estivermos a falar com uma entidade que comece a ser inconveniente temos o direito (diríamos: obrigação) de lhe dizer : eu respeito-te, respeita-me também. Nem ela tem o direito (porque sofre ou ignora a sua situação) de nos tratar de qualquer maneira menos própria, nem nós o direito de julgarmos qualquer uma das suas acções. NÃO

SOMOS JUIZES, nem sequer de causa própria, e se qualquer uma delas sentir que está a ser julgada, a nossa tarefa morreu à nascença!

Mas, por vezes, poderemos ser colocados perante uma situação parecida, se a entidade nos disser:

- Agimos mal; fizemos... (isto e aquilo). Que achas?

Em vez de julgarmos, devemos sempre responder:

- Se pensas que não deverias ter tomado essa atitude, abre o teu coração para Deus (ou Jesus, conforme a fé que a entidade tenha referido num ou noutro), e pede-lhe perdão. Não acalentes o remorso, sem tomares uma atitude. O pedido de perdão é o que deverás fazer de imediato, com sinceridade!

E, assim, não julgamos mas aconselhamos!

Não devemos, igualmente, ser insistentes: se, alguma vez, uma delas se recusar insistentemente a falar connosco – não por ignorância mas por teimosia ou capricho – podemos simplesmente dizer:

- Pronto, se não queres falar, vai-te embora... mesmo porque há aqui muitos mais irmãos, nas mesmas condições que tu, ansiosos por que falemos com eles. Se um dia quiseres conversar connosco, pede e talvez te tragam de novo até nós. Que o Senhor te abençoe.

Normalmente, estas palavras ‘obrigam’ a mudança da sua atitude: querem sentir a nossa atenção e, se não lha damos mais, já concordam em falar para não terem de voltar para o mesmo local onde estavam e onde não tinham a atenção de ninguém – no seu conceito, claro, porque estejamos onde estivermos, nunca ninguém está só!

Com os obsessores acontece até que eles reconhecem o seu silêncio há tanto tempo que deixá-los falar é uma oportunidade que não querem perder. E com estes irmãos, quando eles se manifestem da primeira vez, podemos perfeitamente deixá-los falar por uns 5 minutos, (diríamos antes, deixá-los ‘despejar palavras’, porque é, realmente, o que eles fazem) enquanto os escutamos orando mentalmente, num pedido de auxílio para eles.

Então, saibamos equilibrar ‘os pratos da balança’ e a nossa tarefa alcançará sempre resultados positivos.

Mas, tenhamos ainda presente o seguinte : um médium lamuriento transmitirá lamúria nas palavras da entidade; um médium chorão dar-nos-à uma entidade chorosa, e por aí fora, porquanto, reconheça-se ou não, o instrumento transmite sempre para o esclarecedor um pouco da sua própria maneira de ser.

Normalmente, existe ‘sintonia vibratória’ entre médium e entidade, querendo dizer com isto que se o médium for uma pessoa bastante faladora no seu dia a dia, poderá acontecer que a entidade que se manifeste por ele seja faladora em excesso;

Se o médium for mentiroso (e, infelizmente, todos nós temos ainda muitos vícios a combater) a entidade pode enganar-nos facilmente, convencendo-nos facilmente que seguirá o nosso conselho enquanto, intimamente, se propõe não o fazer.

Na primeira situação, podemos sempre interromper, dizendo-lhe amigavelmente que também queremos falar com ela e chegou o momento de nos dar a palavra; na segunda situação, não devemos ter pejo em afirmar que estamos a sentir a sua falta de sinceridade, ou que se prepara para nos enganar, mas o problema será sempre dela: enganando-nos, está unicamente a prejudicar-se a si própria!

E, como doutrinadores, tenhamos em conta uma recomendação muito importante: não tenhamos nunca a veleidade de transmitir à entidade todo o conhecimento que já adquirimos sobre a Doutrina Espírita ou sobre o Evangelho: mais de 5/10 minutos de esclarecimento e ela começa a desinteressar-se, quanto mais não seja senão por cansaço... e, infelizmente, há muito doutrinador que entende que, ajudar uma entidade, é ministrar-lhe todo o conhecimento de ‘O Livro dos Espíritos’ e/ou de ‘O Evangelho...’.

Sejamos, pois, fraternos, mas precisos e concisos, tendo sempre a preocupação de usarmos palavras que elas possam perceber.

«»

SABER OUVIR

Este “saber ouvir”, para nós, significa mais estarmos atentos às palavras que as entidades proferem, de maneira a podermos sempre interferir ‘pegando’ naquela que acabou de ser dita e de que nos vamos servir para começarmos a modificar o diálogo.

Muitas existem que, não sendo obsessoras, afirmam não falar com desconhecidos; outras, que têm sono e não querem ser interrompidas; outras ainda, que não precisam de ajuda... Então, o doutrinador tem de estar atento para conseguir que ela lhe preste um mínimo de atenção.

Da maneira que elas se manifestem, logo de início, o esclarecedor terá uma imagem da situação e da maneira como poderá interferir; descobrimos assim, também, se a entidade é um adulto ou criança, e não vamos falar com a segunda da mesma maneira que falaremos com a primeira.

<<>>

INSPIRAR CONFIANÇA

Devemos ter sempre em conta que continuamos a ser ‘do lado de lá’ a continuação do que fomos na Terra e quase todos nós, na ignorância da situação que vivemos, sentimos uma insegurança que acaba por ser lógica e racional. Assim sendo, ao falarmos com uma entidade, devemos fazer sentir que não somos inimigos e que estamos ali unicamente para ajudar.

Mas, ‘fazer sentir que não somos inimigos’ não significa começarmos a rir com o que ela nos diga: aliás, se o fizermos, ela começará a sentir-se engraçada, esquecerá a sua necessidade de auxílio (se o dito chistoso não tiver sido uma maneira de nos ‘fugir’), tentará ‘começar a dar espectáculo provocando novas situações de riso... e a tarefa, pelo menos naquele momento, estará totalmente perdida, principalmente se os restantes elementos da reunião tiverem escutado a graça e se tiverem rido também!

Numa situação como esta poderemos sempre dizer que a brincadeira não é oportuna, porque o momento é demasiado sério para o perdermos com leviandades.

Tenhamos consciência de que não são as entidades necessitadas que comandam a nossa posição, mas que somos nós que dirigimos o encontro (na Terra, claro!) tentando levar sempre a conversa para o esclarecimento que se faça necessário.

<<>>

SABER FALAR

E depois dos comentários aos três itens referidos por Roque Jacintho, vamos falar deste outro, tão importante para uma boa conclusão da tarefa.

Saber falar... envolver as palavras em vibrações de amor...

Sabendo que, por norma, não se deve tocar no médium, avisá-lo que se vai tocá-lo quando sintamos a carência afectiva da entidade; quando ela tenha desencarnado de uma doença contagiosa, sentindo o ‘nojo’ e o medo de quem de si se aproximava durante a doença que a vitimou; quando a miséria a tenha atirado para a situação mais degradante, onde nem sequer uma gota de água possuía para se lavar! Tocar o médium, como se se estivesse a tocar a entidade pode ser, ainda e também, um acto caritativo.

E, depois, o uso das palavras que inspirem confiança... daquelas outras, meio cúmplices, quando nos confidenciam uma atitude talvez não a mais correcta que praticaram, mas que a tenha marcado, e de que falaremos – nós e ela – enquanto lentamente a vamos fazendo sentir que não deveria ter sido assim...

Às vezes, temos que entrar num monólogo, porque ela não fala mesmo!

Então, a situação pode pôr-se desta maneira:

- Eu gosto tanto de falar e estou calado há tanto tempo! Não te incomoda se for eu só a dizer qualquer coisa?

- ?

- Um dos assuntos de que gosto é de falar é de Deus (ou de Jesus). Tu tens fé? Acreditas em Deus?

- ?

- Eu acredito. Deus para mim é tudo: o Pai, o Criador, Aquele que nos dá sempre oportunidades novas de recomeço...

- E já o viste alguma vez? Como é que sabes que Ele existe?

A partir daqui começa o diálogo, que iremos gerindo com as nossas palavras, levando-nos ao fim que temos em vista... E este diálogo não teria tido início se, quando a Entidade disse não querer falar, tivéssemos silenciado!

Mas existe também, aquilo que não deve ser feito :

Começar-se, de imediato, a esclarecer uma entidade que se manifeste em grande sofrimento, e que precisa – antes do mais – de ser ‘aliviada’ das dores que diz ter, seja através do passe e da oração, seja pela ‘injecção’, ou ‘extracção’ do punhal ou da corda de que se queixem;

Com um obsessor, ter ainda em atenção, na sua primeira manifestação, da necessidade que ele tem de falar, de expor as suas razões, as suas queixas, extravasar de desilusões e desesperos... É preciso escutá-los, embora muitos falem apenas para não escutarem o doutrinador.

E é preciso reconhecer-se que o Espírito que esteve muitos anos praticando o mal não se modifica de imediato, só por ouvir dizer que não o deve fazer. Não haja nunca pressa de se lhe ouvir reconhecer a sua atitude errada : a pressa pode levar à mistificação, a paciência ao perdão.

<<>>

SER-SE CALMO, PACIENTE E TOLERANTE

Uma das coisas que o doutrinador deve ter em conta é que o *imediatismo* não pode nem deve existir nestas situações. Um esclarecimento pode demorar mais do que uma reunião mediúnica, principalmente com entidades lincatrópicas que, por norma, surgirão duas, três ou quatro vezes.

Quanto às obsessoras, o esclarecimento será de meses – mesmo porque um obsessor nunca anda só e as primeiras entidades que se manifestam serão sempre as que foram chamadas pelo “principal interessado” para o coadjuvarem e não o deixarem desistir, quando comece a sentir cansaço do que se determinou realizar!

Mas “ser calmo” significa ainda falar pausadamente, de maneira a fazer-se entender.

Significa não se exaltar com a entidade, seja qual for a sua atitude.

No livro “Diálogo com as sombras” Hermínio Correia de Miranda refere o caso de um doutrinador que se descontrolou de tal maneira com a entidade que acabou por lhe dizer:

- Materializa-te, que eu quero dar-te uma bofetada!

...Significa estar ali para perdoar de antemão as atitudes menos respeitadas que ela possa usar para consigo embora, muitas delas, possam ser consequência de um médium não convenientemente preparado para a sua função.

Uma vez, ouvimos de um doutrinador, já desencarnado há alguns anos, o seguinte caso que achámos tão extraordinário que o retivemos como lição, já lá vão mais de 20 anos!

A entidade manifestava-se com uma certa violência e, a determinado momento, cuspiu para a cara do doutrinador. Limpando-se, este afirmou:

- Ah, meu irmão, este cuspo que me atiraste, foi um beijo de amor fraternal que me deste! Muito obrigado.

Claro que a entidade ficou ‘desarmada’ e o tarefeiro espírita conseguiu que aquele Espírito sofredor e revoltado aceitasse o auxílio que ele procurava dar-lhe, o que não teria sido viável se, por exemplo, se tivesse descontrolado da mesma maneira que aquele outro que H. Correia de Miranda refere.

Pensamos que estas duas atitudes, tão diferentes entre si, descrevem bem o que deverá ser a calma, a paciência e a tolerância do tarefeiro espírita que se dedique ao auxílio aos irmãos desencarnados.

Devemos recebe-los, pois, com carinho, a esses Espíritos, fazendo-os sentir que estão entre amigos... amigos que podem não se conhecer mas sempre amigos porque, a uni-los, há um laço maior : o da Criação divina... e mesmo quando eles afirmem não acreditar em Deus, com a sequência das palavras que se lhes dirijam, pode-se sempre levá-los a concluir da existência Divina.

E a calma e tolerância do tarefeiro espírita devem manifestar-se, também, na maneira como os deverá deixar falar : para além de alguns deles sentirem essa necessidade, por estarem há muito tempo sem terem quem os escute, eles – esses Espíritos sofredores - é que são os necessitados – não o doutrinador. Se se impedirem as suas palavras por se entender que eles só têm que ouvir, como é que o doutrinador se apercebe da sua angústia? Deixe-se que eles falem, primeiro e, depois então, procure-se esclarece-los em função das suas afirmativas, das perguntas que façam, das dúvidas que manifestem, do sofrimento que transmitam, aproveitando uma ou outra das suas palavras para os levar para o caminho que sirva o diálogo.

Não significa isto que tenhamos de lhes transmitir todo o conhecimento doutrinário para que eles se compenetrem do que foram, do motivo porque sofrem, do que deverão fazer futuramente... mas não esquecer de ensinar que “o pensamento é criador” e que se continuarem a pensar no sofrimento, na dor, ou no mal que lhes foi feito (em suma, na situação que os colocou à nossa frente) continuarão a recriar e a sofrer a mesma situação, até que se convençam da necessidade de mudarem o pensamento.

Falar-se-lhes ao coração – se assim se pode dizer – mas tendo-se sempre presente, mentalmente, os ensinamentos de Jesus, ainda que sem a

preocupação de os repetir continuamente, dará um resultado maior do que se se lhes ‘papaguear’ os capítulos da “Boa Nova” : não estando preparados para escutarem, bem depressa se mostrarão desinteressados – ainda que o sofrimento continue.

Falar-se-lhes de amor e perdão : quem não tem, no seu livro da vida, a recordação de um amor perdido, seja por um filho que se abandonou ou repudiou os pais, seja por um qualquer outro familiar?

Quem não recorda, ainda, a velhinha querida, seja a Mãe ou a Avó, quando ensinavam as palavras do ‘Pai Nosso’?

Quem não gostaria de voltar a ser, de novo, embalado por aquela ternura de infância, que se mantém ainda bem viva nas recordações que o Tempo não apagou?...

Com paciência, humildade, e atenção consegue-se sempre mais e mais que com a impaciência e a intolerância!

E, para além disto tudo, é necessária a FÉ!

Por muito bela que possa ser a harmonia das palavras que se transmitem, que significado poderão ter todas elas se não forem envolvidas no sentimento da fé que se procura, sempre, transmitir?

Quando aqueles irmãos perguntem :

- Como é que sabes que é assim?... Já viste Deus? Já estiveste com Jesus?... Eles são mitos!

Como poderemos elucidá-los convenientemente se não sentirmos fé?... aquela fé que nos faz afirmar que nunca vimos Deus mas O sentimos em toda a parte... Quando chamamos a atenção para a sua nova constituição, sem o corpo físico que possuíam na Terra mas continuando a viver, a sentir, a pensar...

Quando rejeitamos a ameaça que nos façam por estarmos a interferir em casos que não nos digam respeito... Nunca por nunca um doutrinador deve julgar as atitudes dos Espíritos com quem esteja a falar – já o dissemos atrás – embora se passam levá-los a eles a julgarem os seus próprios actos, mediante o que forem recordando, para melhor reconhecerem o sofrimento que viveram...

Para além destes casos, ligeiros, focados na generalidade, há aqueles outros, das Entidades que já conhecem a sua situação de desencarnados mas que (consoante as causas, os sofrimentos, as dúvidas, as ‘cargas’ das vidas passadas que os fazem sofrer atrozmente) fomentam a auto-compaixão e só se escutam a si próprios!

Para estes, talvez mais que aos restantes, há necessidade que as palavras, antes que doutrinárias, sejam fraternas e só depois, então, quando se mostrem interessados no doutrinador ou nas suas palavras, procurar transmitir-se o esclarecimento que se faz necessário.

<< >>

ALGUNS EXEMPLOS

NEGATIVO:

A entidade começa a manifestar-se.

O doutrinador inclina-se sobre ela e fala:

- Sê benvindo, estou aqui para te ajudar.

- Onde estou?

- Num Centro Espírita, numa reunião mediúnica. Estás a falar através de um médium e eu estou a falar contigo para te ajudar.

- O que é um Centro Espírita? E um médium? Nunca ouvi falar...

- Imagina o Centro como uma casa onde se procuram ajudar os Espíritos desencarnados.

- O que é um Espírito? O que é ‘desencarnados’?

(O diálogo continua no mesmo tom, sem ajudar a entidade que sofre, nem o médium que a incorpora).

Trabalho negativo.

POSITIVO :

- Sê benvindo! Posso ajudar-te?
- Não sei onde estou?
- Estás entre amigos...
- Nunca tive amigos!
- Então encontraste um, que eu sou teu amigo!
- Porquê? Nem te conheço!
- Porque... porque eu gosto de ser amigo de todas as pessoas! E tu, não?
- Estou habituado a que não gostem de mim... até aqui, no hospital!
- Quem é que não gosta de ti?
- O médico, os enfermeiros. Quando vim, eram cuidadosos mas agora...

(Conclusão imediata para o doutrinador: aquela entidade desercarnou no próprio hospital, que referiu, e não compreende a diferença de tratamento, já que ela continua a ver o pessoal médico e paramédico, embora não a vejam a ela).

- Diz-me então: e qual foi a tua doença? O que te levou a ir para ali?

- Precisei de ser operado, mas depois comecei a ouvir dizer que as coisas estavam a correr mal...

- E ficaste preocupado? Tens medo de não te curar? Medo... medo da morte?

- Sinceramente, eu queria viver mais uns anos mas tenho sofrido tanto... seria um alívio se acabasse tudo!

- E diz-me, acreditas em Deus? Costumavas ir à missa?

- Nunca pensei muito n'Ele embora me tivessem habituado a frequentar a igreja desde pequenino...

- Então... deves recordar-te de ouvires a padre a dizer que temos um corpo e uma alma... e que quando o corpo morre a alma vai para o espaço, procurando encontrar o seu caminho?

- O medo maior é o do inferno... E se me mandarem para lá e ficar lá para sempre?

- Mas olha que o inferno não existe como local eterno de sofrimento: é apenas um estado de consciência, maior ou menor, mediante o sofrimento ou um desgosto que tenhamos... e vive-se muito mais na Terra que em outro lado qualquer!

- Nunca ouvi isso!

- Mas é verdade! Repara: Com certeza que, como eu, também aprendeste que Deus é Pai e amor... e perfeição absoluta? Então, como é que Ele poderia fazer uma selecção entre os seus filhos, dando a uns a paz e a outros o sofrimento eterno?

- Tem a certeza? Nunca li nada a esse respeito!

- É verdade sim, meu querido! Aliás, Deus ama-nos de tal maneira que nos dá sempre oportunidades renovadas de repararmos o que fizemos de errado!

- Se isso for verdade, até deixo de ter medo de morrer! Aliás, estou tão cansado deste sofrimento que seria um alívio, não fosse esse medo...

- Então, tu não tens medo da morte mas do inferno!

- Pois é...

- Nunca reparaste que, de repente, foram todos ao mesmo tempo que deixaram de aparecer quando tu chamas... deixaram de te tratar... e até os teus familiares deixaram de te visitar? Não achas estranho?

- Estranho é, mas deve ter sido alguma proibição devido ao meu estado!

- E não achaste estranho, também, colocarem outro doente na tua cama?

- Acho... mas pensei que houvesse tanta falta de camas que estivessem a pôr os doentes a par...

É o momento do doutrinador dar a conhecer a nova situação daquele Espírito. Com voz calma, carinhosa, ele esclarecerá:

- Olha, meu querido, eu tenho uma revelação para te fazer, mas quero que me prometas que vais ficar calmo.

- ?

- A tua doença evoluiu muito para pior, tornou-se terminal... e o teu corpo morreu! Hoje... tu és uma alma com quem eu estou a falar, que eu falo com as almas.

- Estás a dizer que eu sou uma alma do outro mundo? Sou um fantasma?

- Não, meu querido: repara que continuas a ser um Ser inteligente, que pensa, que sente, que fala! A única diferença é que o estás a fazer não pelo teu corpo físico mas através de um outro, que uma pessoa com certas faculdades, que se ofereceu para te ajudar. As palavras 'almas de outro mundo' significam, precisamente, que a partir de determinado momento se deixou de viver na Terra e passou a viver-se no mundo das almas!

- Então, eu vou mudar de corpo?

- Não! Vais é continuar a viver, como alma liberta do corpo carnal, no mundo das almas... onde se podem ver umas às outras, onde poderão preparar-se para um aprendizado maior com vista ao futuro...

- Acreditando no que me dizes, o que é que me vai acontecer agora?

- Agora... tens aqui um ser (ou um amigo, mediante a intuição de momento) muito querido, que te trouxe até nós para podermos ter esta conversa, e te vai levar, agora, para o hospital das almas...

- Outro hospital?!

- ... Mas este é diferente! Será para recuperares energias que perdeste com a tua doença... Vais ser acarinhado e, pouco a pouco, irás aprender coisas que já soubeste mas não recordas agora, e te ajudarão, depois, a prosseguir... E porque as almas se podem ver umas às outras, nunca mais vais estar só! Confia!

- Confio... estou a sentir tanto sono!

- Deixa-te adormecer. Confia, que estás entre amigos : eles tratarão de ti, e cuidarão enquanto precisares... Dorme, meu querido... d o r m e ... d o r m e... que o Senhor te abençoe!

(A entidade adormeceu e o doutrinador dará um passe de dispersão ao médium), que, entretanto, retomará o seu corpo.

<< >>

NEGATIVO

. Onde é que eu estou? Sinto-me perdido sem conhecer ninguém!

- Estás num jardim muito lindo, sentado num banco!

- Num jardim? Mas eu não oiço pássaros, nem vejo plantas nem flores!... E sinto-me mal!

- É natural: estiveste doente algum tempo e o teu corpo morreu!

- ????

- Não te assustes, a morte é apenas uma realidade que todos temos de vencer, mas continuamos a viver...

- Então eu morri ou estou vivo? Estou nalgum manicómio?

(Dificilmente, com um início assim, a entidade se deixará ajudar porque quem com ela falava já a colocou num desequilíbrio maior).

Trabalho negativo.

POSITIVO:

- Onde é que eu estou? Sinto-me perdido sem conhecer ninguém!
- Estou a ouvir-te falar, mas também não sei onde estou... Podemos fazer companhia um ao outro!
- Esquisito... não se vê ninguém, ouve-se falar mas as conversas parecem mais de igreja que outra coisa! Que sitio será este?
- Eu até gosto de igrejas: há lá sempre tanta paz! Tu...costumavas frequentar alguma?
- Enquanto me obrigaram, depois não! Não tenho tempo para perder com essas coisas!
- Porquê, não acreditas em Deus? Em Jesus?...
- O difícil é acreditar nos homens!
- Bem... mas o importante é pensarmos que o que importa é o que eles nos ensinam sobre Deus ou sobre Jesus, não te parece? O homem, em si, até pode ser só um instrumento!
- É... Na minha terra houve um padre muito bom, simples, todos gostavam dele! Depois... morreu e o que o foi substituir era um bom vivante que só serviu para estragar o que o outro tinha feito.
- Então tu gostavas mesmo do outro!?
- Tanto que, às vezes até me parece vê-lo! Se não fosse a certeza de que morreu, juraria que o distingo ao longe!
- Bom... eu tenho lido umas coisas sobre as almas e no outro dia li que elas podem ser vistas pelas pessoas que as amam, que as conheceram, ou que lhes querem bem!

- Acreditas?

- Depois de ter lido isto, proporcionou-se ser levado a uma reunião onde as pessoas falavam com as almas... Olha, gostei tanto que hoje falo normalmente com qualquer uma!

- Para quê?

- Principalmente para as ajudar: há muitas almas que não sabem que os seus corpos já morreram; julgam-se ainda a viver como anteriormente, sem perceberem que passaram pela morte... e é bom que se fale com elas, para que compreendam que a vida continua, embora de maneira diferente!

- Deixa p'ra lá! Se isso me acontecesse a mim, eu sabia logo!

- Muitas dizem o mesmo... e não percebem porque é que falam com as pessoas e não lhes respondem ou não são atendidas... porque é que outros ocupam os seus lugares... porque é que, de repente, vivem como que isolados de uns e de outros...

- Isso é assim?

- É; porquê?

- Porque, agora que falas nisso, eu tenho de reconhecer que comigo acontece da mesma maneira! Pensando um pouco, tenho ainda uma recordação, embora ténue, de ter ouvido muitos choros... cheiro de flores em decomposição, talvez por isso bastante enjoativo...

- E tudo isso junto, não te diz nada?

- Considerando o que disseste antes, parece que eu morri, não foi?

- TU NÃO! Tu continuas o mesmo SER inteligente de antes; o que morreu foi o teu corpo! Mas porque Deus nos criou eternos...

- A vida continua! Agora percebo, continua como alma!...

(Daqui para a frente o esclarecimento será rápido e o Espírito será levado sem qualquer perturbação mais, talvez amparado por aquele padre que ele referiu e que foi quem o socorreu, afinal).

« »

UM CASO COM UMA CRIANÇA:

NEGATIVO:

- Ajudem-me a sair da água! Ajudem-me, por favor.
- Pronto. Dá-me a tua mão! Que te aconteceu?
- A minha bola caiu ao rio e eu quis apanhá-la.
- E morreste, não foi?
- Não, só fiquei todo molhado!
- Morreste! Tu agora és uma alma!
- Não sou alma, sou criança e estou molhada!

(Estas palavras do doutrinador nem são caritativas nem, de maneira nenhuma vão ajudar quem pediu auxílio. Tentemos de outra maneira).

POSITIVO

- Ajudem-me, a sair da água! Por favor, ajudem-me!

- Dá-me a tua mão, para te puxar... Isso! Pronto! Já estás em terra firme!

- Graças a Deus! Fiquei todo molhado mas ainda devo ter tempo de secar antes de ir para casa, para a minha mãe não me castigar!

- Quiseste nadar?

- Não sei nadar, mas a minha bola caiu à água e como parecia não haver perigo meti-me nela para apanhar a bola...

- Mas não apanhaste?

- Não... e agora não sei o que fazer... mesmo que a roupa seque, se chego a casa sem a bola a minha mãe castiga-me da mesma maneira: a bola é do meu irmão e ela não quer que eu venha brincar para a margem do rio, por causa do perigo...

- E tu distraíste-te... e acabaste por desobedecer de duas maneiras, não foi?

- Foi, foi... O melhor é começar já a pensar que hoje vou ficar sem sobremesa!

- Já reparaste naquele grupo de crianças que está ali mais acima?

- Tantas!...

- E vês aquela irmãzinha de caridade? Ela tem uma bola na mão...

- É a minha! Ela encontrou-a!

- Mais do que isso! A tua mãezinha teve de fazer uma viagem com que não contava e pediu àquela Irmãzinha, que ela conhece, para tomar conta de ti... Podes ir ter com ela e com aqueles meninos.

- Posso?
- Podes... Mas, juízo! Obedece às ordens que a Irmã te der e porta-te bem com as outras crianças!

- Prometo! Uff! A minha roupa já secou... Então, posso ir?

- Podes, meu querido. Vai em paz!

A criança aceita, assim, a separação da mãe, que não poderá ver... Mais tarde, aperceber-se-à do que lhe aconteceu mas, então, já terá despertado para a Vida, que continua, sem sentir a morte como um castigo à desobediência.

« »

NEGATIVO:

- Está aí alguém?
- Estou eu, meu irmão. O que queres?
- Para já, que vejas bem quem eu sou: nunca tive irmãos!
- Eu trato todos por irmãos: é uma palavra que significa amizade, sabes? Mas...Que queres?
- Estou cheio de sede, quero um copinho!
- Vinho não tenho. Só se for de água de Deus!
- Prefiro aguardente!
- Mas não deves beber! Depois andas aos tombos, caís, ficas doente...
- Mas é isso mesmo que eu quero!
- Eu já fui como tu: bebia muito, depois não sabia o que dizia nem fazia... Um dia tive um acidente e alguém me fez compreender que não devia continuar na vida que levava!
- E eu quero lá saber do que tu fazias! Eu quero saber é de mim!

(Nunca o doutrinador deve dar o exemplo de si próprio, principalmente se estiver a tentar ajudar um obsessor. Eles conseguem 'captar' o que nós somos (o que fomos, inclusive) e a nossa conduta, que a nós nos pode parecer exemplar mediante o que nos reconhecemos e o que conseguimos com o livre arbítrio, será igual a um zero para a entidade comunicante).

POSITIVO:

- Está aí alguém?

- Estou eu; em que posso ajudar-te?

- Já não bebo há muito tempo e queria um copito...

Logo aqui o doutrinador pode 'jogar' com o vício da entidade.

- Beberes outra vez? Não te lembras do que aconteceu da última vez que o fizeste?

- Ora, caí! Mas já passou! Eu sempre ouvi dizer que ao menino e ao borracho, põe-lhe Deus a mão por baixo!

- Mas parece-me que, desta vez, nem a mão de Deus te valeu, não foi?

- Foi mau, sim... Parti a cabeça... levaram-me para o hospital... disseram que tinha traumatismo... traumatismo craneano... e estava a ver que nunca mais saia de lá!

- Tudo por causa da bebida! E queres continuar na mesma?!

- Eu já não sei beber mais nada!

- Bom, então... eu vou dar-te uma bebida diferente de todas as outras. Chama-se água de Deus...

- Água? Nunca bebi, com certeza!

- Então, é altura de experimentares!

- Mas eu não vou gostar!

- Ninguém deve falar do que não conhece! Bebes um bocadinho e, depois, logo dizes!

E o doutrinador põe a mão frente à boca do médium, para que a entidade ‘beba’ os fluidos do passe que lhe estão a ser transmitidos. Quando volta a falar, parece diferente.

- Então?

- É diferente... nunca tinha experimentado... Parece que me deixou mais leve!

- É diferente, sim! É uma água específica que Deus tem para as almas...

- Ah! Agora os bêbados chamam-se almas?!

- Não, meu querido! Os bêbados, mediante os vícios, que os levam a quedas tremendas, podem transformar-se em almas!

- O que é que isso quer dizer?

- Quero dizer que aquela queda e o traumatismo que sofreste, provocaram a morte do teu corpo e tu, hoje, és uma alma com quem eu estou a falar!

- Olha para isto: eu é que bebo e o bêbado é ele, não querem lá ver!

- Não estou bêbado e se te estou a dizer, assim de chofre, o que te aconteceu, é para ver se não pensas mais na bebida mas naquilo que escutas: a tua queda foi muito grave e o teu organismo, debilitado por tanta bebida, não aguentou! O corpo morreu!

- Mas eu estou a falar e tu respondes-me...

- Pois... mas antes de eu te aparecer, quantas vezes perguntaste se estava aqui alguém? Quantas vezes chamaste pela enfermeira, pelo médico... e ninguém te respondeu?

- Naturalmente porque sou um indigente!

- Não tem nada a ver!

- Então, e porque é que tu apareceste?

- Porque eu falo com as almas e, por vezes, Deus coloca-me no caminho delas para as poder ajudar...

- Então... então tu não bebeste?

- Não...

- Mas eu sinto o meu corpo!

- Não... tu sentes um corpo que pensas ser o teu!

- E não é?

- Não: nunca ouviste falar daquelas pessoas especiais que falam e emprestam os corpos às almas, para que elas possam comunicar com os que estão na Terra?

- As bruxas?

- Podes chamar-lhes assim, embora elas tenham outro nome mais apropriado: chamam-se médiuns. Aliás, na tua terra, havia uma que falava com as almas: as pessoas até iam à casa dela, pedir ajuda!

- Hum... Estou a lembrar-me! Não sabia que também eras da minha terra?... Então eu sou uma alma? E agora? Deste lado também há tascas e tabernas?

- Não: desse lado há hospitais para as almas, onde elas são socorridas até estarem em condições de seguirem o seu caminho... Mas como almas, podem ver-se umas às outras, reencontrarem familiares de as antecederam, no regresso ao mundo das almas, ou até mesmo algum amigo que se tenha proposto ajudá-las...

- E posso ficar neste corpo da bruxa? Era mais fácil para mim!

- Não, não podes; assim que acabes de falar serás afastado e esta médium retomará conta do corpo que é seu... Mas eu estou a notar que estás a ficar cansado e com sono... É melhor deixares-te adormecer, que os enfermeiros de Deus levar-te-ão para o hospital. Só queria dizer-te mais uma coisa, para teu bem: não penses mais na bebida. O pensamento é criador e de cada vez que a recordares irás sentir-te pior. A bebida ficou na terra! Confia... em quem te quiser ajudar. Combinado?

Mas a entidade, ou já não responde, ou responde meio ensonada. O doutrinador fará uma pequena prece em seu benefício, enquanto ela é desligada e o médium desperta, tomando conta do seu corpo.

« »

NEGATIVO :

- Sê benvindo, estou aqui para te ajudar.
- Não sei se precisarei?! Estou habituado a resolver tudo sózinho!
- Todos precisamos, principalmente quando ignoramos a nossa situação...
- Eu sei qual é a minha: tenho n anos, sou casado, com 2 filhos, e vou para o emprego.
- Tudo isso foi correcto enquanto estiveste na Terra, mas agora estás noutra dimensão!

(Com palavras destas, a entidade poderá até pensar ser um novo E.T. Este esclarecimento, a concretizar-se, demorará muito mais tempo que o normal...).

« »

POSITIVO:

- Sê benvindo, estou aqui para te ajudar.
- Não sei se precisarei? Estou habituado a resolver tudo sózinho!
- Todos precisamos, sempre, de uma mão amiga, não concordas?
- Mas a minha vida é clara como um espelho: tenho n anos, sou casado, com 2 filhos e vou para o emprego.
- Mas, entretanto, algo aconteceu que te desviou do caminho que costumavas seguir: lembras-te o que terá sido?
- Engraçado... agora que falas nisso, estou a recordar. Eu senti-me mal, com uma dor muito grande no peito, quis respirar... acho que caí! E ainda sinto a dor: é atroz!
- Tenta não pensares mais na dor, que o pensamento é criador e aquilo que pensares estarás criando. Pensa que já não tens dor... Mas estavas a contar o acontecido: caíste, e depois? Não recordas mais nada?
- Não... é como se me tivessem fechado entre quatro paredes onde nenhum som consegue chegar! Como é que entraste aqui?
- Senti-te... e apeteceu-me conversar...
- Sabes se avisaram a minha mulher? Se já passaram muitas horas ela deve estar preocupada sem saber o que me aconteceu!
- Com certeza que avisaram... Enquanto não chega, queres rezar um bocadinho? Às vezes uma oração faz milagres!
- Rezar para quê? Além de que não acredito em rezas!
- Mas em Deus acreditas, com certeza?
- Também não! Nunca o vi e eu só acredito nas coisas palpáveis!

- Mas olha que com Deus a morte consegue encarar-se e aceitar-se de outra maneira!

- Morte é morte e quando ela chega, é como um estalar de dedos: tudo acaba!

- Eu sempre ouvi dizer que a vida continua, depois da morte, ainda que de maneira diferente porque se passa a viver sem o corpo carnal; mas continuamos seres inteligentes, com o mesmo raciocínio que se tinha quando na Terra.

- Balelas! ...Mas, pelos vistos, tu acreditas nessas coisas?

- Acredito. Sabes porquê? Porque eu já vi muitas almas e até costumo falar com elas: foi assim que fui aprendendo muito do que é necessário saber da vida no mundo das almas...

- Para quê?

- Pelo menos, para estar preparado, quando chegar a minha vez de reconhecer que o meu corpo carnal morreu... E sabendo o que acontece a todos, indistintamente, poder despertar do outro lado da vida, no mundo das almas sem me sentir perdido.

- Então... Então para ti a morte não é o fim de tudo?!

- Não... nem para ti, meu querido: apesar de não creres, tu também perdeste já o teu corpo físico e passaste à condição de alma... Aquele ataque que sofreste quando ias para o trabalho foi muito violento e quando os médicos chegaram já nada puderam fazer!

- Não pode ser! Eu ainda estou a ouvir os barulhos da rua, das pessoas que se aproximaram...

- Tudo isso é o registo que te ficou dos últimos momentos... Mas podemos tirar a prova: em que dia é que achas que estás?

(Aqui a entidade diz uma data, a última de que se recorda e o doutrinador esclarece-o informando da data real em que se encontram. Chama-lhe, depois, a atenção para pequenos apontamentos, como o de falar e ninguém lhe responder, ter voltado a casa e ter encontrado tudo modificado sem que os familiares lhe prestassem atenção...Por vezes, ainda, a entidade continua a recusar a própria morte: neste caso, convida-

se a pequeno passeio e leva-se aquela alma descrente até ao cemitério. O doutrinador ignora qual seja, mas a própria entidade, instintivamente, reconhecerá a entrada do mesmo. Encaminhada para a campa ou jazigo, ali ela lerá o seu nome e terá a prova do que lhe foi dito. A partir daqui, o resto será fácil).

- Como vê, quem tinha razão era eu: Deus existe, sim, porque só Ele nos poderia dar a possibilidade de continuarmos a viver para além da morte... e porque as almas se podem ver umas às outras, reencontrarmos, também, com os seres queridos que pensávamos perdidos para sempre... Não é verdade que, por vezes, te parece estares a ver a tua mãe? Ela está aqui, meu querido: foi quem te socorreu e, agora te vai orientar nesta vida nova que começa para ti... Aprende, com ela, a orares... e vai em paz! Que o Senhor te abençoe!

A nossa referência à mãezinha faz com que a entidade aceite a sua presença, de que já tinha dado conta, mas supunha ser, apenas, imaginação. Protegido por ela, e talvez até depois de umas primeiras palavras daquela entidade, deixar-se-à levar sem mais problemas e convicto de que, afinal, a morte não é o fim de tudo!

« »

NEGATIVO:

- Que coisa! Devo ter-me perdido no caminho para a recepção: não sei onde estou nem vejo o meu chauffeur!

- Queres que te ajude?

- De onde me conhece para me tratar com essa familiaridade? Eu sou uma senhora da alta sociedade!

- Desculpe, não tinha reparado... Em que lhe posso ser útil, minha senhora?

(Apoiando a arrogância, ou o orgulho, ou a vaidade, será difícil ao doutrinador chegar a uma conclusão. Se, acontecer, será com certeza muito demorada).

« »

POSITIVO :

- Que coisa! Devo ter-me perdido no caminho para a recepção: não sei onde estou nem vejo o meu chauffeur!

- Queres que te ajude?

- De onde me conhece para me tratar com essa familiaridade? Eu sou uma senhora da alta sociedade!

- Pois... Mas eu trato assim todos aqueles com quem falo: não significa que lhes esteja a faltar ao respeito mas dou-lhes a liberdade de os tratar da mesma maneira...

- Não estou habituada...

- A todo o momento podemos sempre aprender coisas a que não estávamos habituados! O que procuras?

Depois de uns segundos de relutância, a entidade continua a falar:

- Fiquei de me encontrar com o meu filho, o Dr. (...), mas nem o vejo nem sei onde estou! E não vejo, também, o meu capelão, que é o organizador do evento!

- Então... e se rezasses? Talvez a tua prece chegasse até ele, que viria ao teu encontro!

- Por favor! Para que ele me ouvisse, teria que gritar, com certeza!

- Experimenta! Ele nunca te disse que a oração, quando dita com fé, faz milagres?!

- Com certeza que não nestas circunstâncias!

- Escuta: eu vou começar, por ti... Depois, tu continuarás! No final, veremos quem tem razão, se tu, se eu!

E o doutrinador começa uma prece simples, de pedido de auxílio, para que aquela irmã possa encontrar o caminho. As palavras prosseguem, depois, pela própria entidade, que se sentiu envolvida, não só na prece, mas no pedido de auxílio que falava em caminho... embora o que ela queria encontrar fosse diferente do que o esclarecedor referia. No final, mais calma, prossegue o diálogo:

- Bom, pelos menos, fiquei mais calma... E ali (e muda de tom), aquele vulto não é o do meu capelão?

- Experimenta chamar por ele: se for, ele aproximar-se-à, não achas?

- Capelão! Venha cá! Estou cansada de o procurar!

- Oh, minha querida! Mas que modos são esses? Não sabia que os brazonados falavam tão arrogantemente! Modera o teu tom de voz, sê mais cordata e respeitadora!

- Eu sempre fui assim!

- Mas estás errada! A tua posição social não te dá o direito de humilhares cada um! Deves sempre respeitar as pessoas pelo que elas são – pessoas! – e não em função do que representem – títulos, e do que tu tens. Percebes?

- Nem sei que quero continuar a ouvir-te, quanto mais perceber! Quem te dá o direito de falares assim comigo?

- Deus! Deus, que me criou, e a todos os outros seres, da mesma maneira, enquanto Jesus afirmou sempre que nos deveríamos amar uns aos outros... Amar também inclui o respeito!

- Quero ir-me embora! Já perdi muito tempo com esta conversa, ainda mais tendo acontecido com um desconhecido! E não admito lições de moral, nem do meu capelão!

- Enganas-te: não perdeste tempo, mas ganhaste-o... Não partas ainda: continuas sem encontrar o caminho e eu preciso de to indicar.

- Tens de ser tu?!

- Não há aqui mais ninguém! Diz-me: o capelão costuma falar-te da vida que continua? Alguma vez te disse que, depois da morte, continuamos

todos a viver como seres inteligentes que somos, embora com os mesmos defeitos e preocupações que tínhamos quando na Terra?

- Porque queres saber? Não acreditas em Deus ou nos ensinamentos de Jesus?

- Eu acredito... mas há muitas pessoas pensando que, depois da morte, serão encaminhadas para o céu, inferno ou purgatório... e, para além deles, ficarão no descanso eterno até ao julgamento final!

- Sempre ouvi dizer...

- Mas não é bem assim... O céu, inferno, purgatório, existem como estados de consciência, e mediante aquilo que sentirmos, estejamos onde estivermos... Quando a morte nos surge, nos caminhos da vida, o corpo carnal morre mas a alma que lhe deu vida, desprende-se e vai para o espaço... Não disse Jesus que “A Casa do Pai tem muitas moradas e a cada um será dado aquela que tiver merecido”?

- Como é que sabes essas coisas? És padre?

- Não, minha irmã: costumo falar com as almas, que me dizem o que acontece a uns e a outros depois que a morte lhes bate à porta... É engraçado e comum o que todas dizem referente aos primeiros momentos!

- ?

- Todas pensam que estão ainda na Terra, a continuarem o que estavam ali a fazer no instante em que a morte ocorreu... Os doentes continuam a sentir-se doentes, os que iam para algum lado, continuam a percorrer o caminho, sentindo que nunca mais lá chegam, mas andando e andando, os que se perderam...

- ... continuam sós e à procura do caminho! Estás, então, a dizer-me que eu morri?!

- Tu, não, o teu corpo! Tu és uma alma eterna, criada por Deus para atingires um dia, a perfeição que Ele te limitou... Mas já sabias, não é?

- Não sei porquê, mas suspeitava. Comecei a ver muita gente, digo almas, que eu sabia não estarem mais na Terra... Mas a quem perguntar? Como perguntar? Nem sei como surgiste no meu caminho?!

- Talvez tenha sido mesmo o teu capelão que orou a Deus, pedindo auxílio para ti... Ele queria ajudar-te mas tu estavas tão distante!

- Aquela distância que a arrogância tornava sempre maior, não é? Agora, percebo! Como agradecer-te?

- Agradece a Deus, a Jesus. Se, apesar dela, não tivesses ganho méritos para seres auxiliada, com certeza que continuarias à procura do caminho... Agora, já te posso entregar àquela alma amiga, que tanto orou por ti e te tem protegido, mesmo à distância! Vai... e que o Senhor te abençoe!

« »

UM SUICIDA:

- Ajudem-me, por favor! Ajudem-me! Está aí alguém?
- Estou eu. Que queres?
- Que me ajudem a apanhar o meu corpo! Está todo em bocadinhos!
- Sofreste algum desastre?
- Pior, bem pior: atirei-me para a linha do comboio, mas logo depois arrependi-me! Tenho que apanhar os bocados para reconstituir o meu corpo!
- E o que te levou a atirares para a frente do comboio?
- A vida... as desilusões... o cansaço... a doença... Nem eu mesmo sei, afinal! Sempre vivi assim, porque não continuar?
- Mas quando chegaste a essa conclusão já foi demasiado tarde...
- Por isso quero reparar!
- Acreditas em Deus?
- Acredito... mas um instante de loucura todos podem ter!
- Sabes que a tua atitude foi muito grave... Da lei de Deus faz parte o ‘Não matarás’, e essas palavras abrangem a própria vida que Deus nos concedeu!
- Mas se eu conseguir apanhar já todos os pedaços do meu corpo, Ele perdoa-me, não te parece?
- Meu irmão, vamos ser racionais: alguma vez leste ou soubeste de algum caso como o teu, em que a vítima se tenha recomposto?

- Então... eu morri mesmo?!
- O teu corpo, sim, mas tu, ser eterno criado por Deus, continuas a viver.
- E agora? Vou ser julgado? Vou ser condenado?
- Queres castigo maior que esse de estares há tanto tempo a tentares socorrer o que restou do teu corpo?
- Há muito tempo, sim, embora por vezes me pareça que foi mesmo agora que o comboio me apanhou!
- Queres saber ao certo? Que dia pensas ser hoje?
- O ano eu lembro-me: 1972... Acho que estamos em Outubro... mas o dia...
- Já passou muito tempo, meu querido. Na Terra, hoje, estamos no ano de 2006: Julho de 2006! Há 34 anos que estás a tentar o impossível!
- Que grande castigo!
- Um castigo que impuseste a ti próprio, porque Deus não castiga... Ele é um Pai de Amor maravilhoso que dá a cada um de nós as oportunidades de que necessitemos para repararmos os erros cometidos. Confia!
- Então... e agora?
- Deixa-te adormecer. Estão aqui mensageiros de Deus que te levarão para um hospital das almas... Serás lá melhor socorrido e aconselhado... Mas vai orando sempre, pedindo ao Senhor que perdoe o teu acto tão tresloucado, de que, afinal, foste tu próprio a maior vítima!... E não penses mais no teu corpo: o pensamento é criador e de cada vez que recordares o teu gesto voltas a sentir e a sofrer da mesma maneira!
- E foi isso que aconteceu este tempo todo, não foi?
- Foi... Agora tenta dormir, para que quando despertes estejas mais recomposto... Pensa em Deus e em perdão, para te tranquilizares... Dorme... dorme...

A entidade adormece e é retirada.

Entretanto, aqui fica-nos uma dúvida: ela ter-se-ia mesmo suicidado e o seu corpo teria ficado esfaçalhado como o afirmou? Então, como é que se podia manifestar assim? Nas leituras que temos feito sobre os suicidas, qualquer um deles fica com o perispírito afectado pelo acto tresloucado. Esta entidade, depois dos 34 anos que decorreram teria o equilíbrio necessário para se manifestar como o fez? Estaria descrevendo um outro caso, de que teria participado? Seria animismo, do médium?

O importante era esclarecer e foi o que fizemos, mas a dúvida subsiste ainda e não a conseguimos esclarecer.

<< >>

UM CASO DE LICANTROPIA:

A entidade manifesta-se, através do médium, claro, com latidos, uivos, ou meios rugidos. As mãos do médium estão com os dedos meio dobrados, na extremidade dos braços meio erguidos, numa atitude de ataque ou para que se “veja” que não são mãos mas “patas”.

Na entidade que, assim, nos tem aparecido, começamos por uma prece diminuta de auxílio para elas. Depois, com carinho, tomamos-lhe as mãos, uma de cada vez, embora o gesto de ataque que ameacem fazer mas nunca concretizam.

Vamos passando as nossas mãos pelos braços e dedos do médium, a manifestar a atitude das entidades e vamos falando, enquanto alisamos os dedos:

- Tem calma... Somos amigos... Tu não és animal... tu és um ser4 pensante... Tu tens mãos, não garras... tu pensas... tu sentes...

Depois de estarmos assim uns minutos, e as mãos do doutrinador têm o efeito de transmitir o passe tranquilizante, passamos para o rosto, tocando-o com as suas próprias mãos:

- Repara: tu tens cara! Tu não tens focinho... não tens pelos... não tens focinho... tu tens cara... tu tens cabelos! ... Tu és um ser pensante...

Depois de uns minutos assim, continuamos, preparando-a para o final:

- Tu és gente... tu falas! Tu podes falar! Tu não és um animal! Experimenta falar... diz... (E se a entidade sibilava, aproveitamos para a ajudar a proferir a palavra Jesus. Se não conseguir, tenta-se a palavra Deus, que é mais pequena).

- Diz, meu querido, diz: J...e...s...u...s! J e s u s! J e s u s!

E depois de vermos o esforço dela para nos imitar, unimos então as letras, nas duas sílabas só:

- Diz: JE – SUS!

E ela diz e repete uma, duas, três vezes, entusiasmada com a própria vitória. Depois, fazemos-lhe sentir que está cansada, precisa descansar, mas que não vai esquecer mais que é um ser pensante e que pode falar.

Ela adormece, é retirada pelos mentores, e normalmente na semana imediata volta a aparecer, identificando-se não mais com os acenos de um animal, mas com a palavra que aprendeu a dizer: Jesus.

Continuamos o esclarecimento da mesma maneira, identificando-a mais e mais com a sua condição humana. Se voltar a manifestar-se será só mais uma vez; já beneficiou do magnetismo que absorveu do próprio médium, do auxílio de todos os colaboradores da reunião, através das vibrações e preces que lhe foram dirigidas enquanto se manifestou... O que precisar, depois, será dado pelos Mentores que a protegem e orientam e preparem a sua reencarnação.

« »

CONCLUSÃO

Os casos aqui apontados, foram alguns dos que surgiram, ao longo dos tempos, na nossa tarefa de esclarecimento às entidades sofredoras.

Pouco ou nada referimos dos diálogos com os obsessores, embora todos eles se iniciem da mesma maneira – depois daqueles minutos que lhes damos, de monólogo, quando aproveitam para falar devido ao tempo em que estiveram silenciosos.

Não se deve procurar ‘convencer’ um obsessor do seu erro, numa reunião apenas: estaríamos colaborando numa mistificação!

Ele tem de reconhecer o erro, falar dele, das queixas que tem do obsediado... Por vezes, para se defender de um diálogo em que não está interessado, mas a que foi obrigado, ainda que sem saber por quem, ‘ataca’ o doutrinador, apontando-lhe os erros ou vícios que lê no seu perispirito. Quando tal aconteça, o esclarecedor deverá manter a calma e, até, frisar que se foi como ele está a dizer, já não é, o que prova as oportunidades que Deus lhe concedeu já, para reparar o que tem feito de errado. Por vezes, este chamar de atenção para as oportunidades, é o necessário para que estas entidades comecem a modificar a sua rebeldia e má vontade e o esclarecimento far-se-à, então, continuamente, com uma conversa mais amigável da parte delas.

Muitas vezes, o ‘caso dele’ é apenas o remate de um plantio começado em vidas anteriores àquela que ele recorda: no momento oportuno, falar-se da lei de Causa e Efeito, faze-la compreender, e, sendo necessário, fazer uma prece pedindo a Deus para que aquele irmão possa recordar o momento preciso em que tudo começou para perceber porque é que a situação que recorda, e de que se quis vingar, aconteceu como aconteceu. Depois da prece feita, convidamo-lo a ver: naquele momento, a sua memória é desperta do acontecido no Pretérito e ele retoma o conhecimento do que fez... Por vezes, nem quer ver tudo! Mas, a partir daqui, o esclarecimento final é mais fácil, ele concorda senão em perdoar, pelo menos em entregar o caso a Deus, para que o resolva com a Justiça que o Senhor emprega em tudo, e é finalmente levado pelos Guias..

Conforme referimos mais atrás, normalmente os casos de desobsessão começam com o esclarecimento às entidades que o obsessor chamou ou convidou, mediante o seu ‘ascendente’ sobre elas, para o coadjuvarem na perseguição, seja para lhe darem mais força, seja para não o deixarem desistir, quando comece a sentir-se cansado. Ele, o principal personagem, será sempre o último a manifestar-se.

Um caso de desobsessão não tem um tempo limite e igual a qualquer outro: depende sempre do auxílio dos familiares do encarnado, da transformação moral do obsidiado, e da própria vontade dos obsessores. Assim, um caso pode chegar a ir de três a seis meses e até a um ano!... Havendo, ainda, os que não conseguem concretizar-se pela maneira de ser dos intervenientes, reencarnados e desencarnados.

*

É difícil a tarefa de um doutrinador, como é difícil qualquer outra tarefa que se realize numa Casa Espírita, seja ela mais ou menos simples... mas é, também, com certeza, das tarefas mais gratificantes que se podem desempenhar.

A alegria de vermos um irmão, que até nós chegou em sofrimento, queixando-se de dores atrozes, de perseguições tremendas, partir em paz – compensa, em muito, tudo o que possamos pensar que sacrificámos para participar de um trabalho de esclarecimento; mas, ver um irmão que chegou em revolta, vibrando ódio, clamando por vingança, gritando contra a Justiça Divina – ver um irmão que chegou nestas condições, semanas atrás, partir a chorar, pedindo talvez perdão, manifestando o arrependimento pelos erros e atitudes cometidas e reconhecer nele o desejo de recomeço, pensamos – nós que tantas vezes temos vivido esses momentos – pensamos que, depois de tal participação nada mais há que tanto nos possa realizar e fazer sentir que somos úteis, capazes finalmente de ajudar quem necessita e nos necessita!

Um dia, alguém disse à amendoeira:

- Irmã, fala-me de Deus!

... E a amendoeira floriu!

F I M

BIBLIOGRAFIA:

- ENCONTRO MARCADO: Emmanuel, psicografia de Francisco Xavier;
- MESSE DE AMOR : Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Franco;
- EVANGELHO S/O ESPIRITISMO: Allan Kardec;
- DOCTRINAÇÃO: Roque Jacintho;
- OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO: José Herculano Pires;
- DIÁLOGO COM AS SOMBRAS: Hermínio Correia de Miranda.

« »

Lisboa, Julho de 2006.